

# Egon Schaden, um alemão catarinense

Pedro Martins<sup>1</sup>  
*Universidade do Estado de Santa Catarina*

Tânia Welter<sup>2</sup>  
*Universidade Federal da Fronteira Sul*

## Introdução

Egon Schaden é, provavelmente, o único antropólogo brasileiro de grande destaque de origem genuinamente rural, tanto do ponto de vista espacial quanto na perspectiva de classe. O estudo da fase catarinense da sua vida, basicamente ainda por ser feito, pode contribuir de maneira significativa para a problematização da formação das elites intelectuais no país e sua relação com os problemas reais aos quais se dedicam os estudiosos das ciências humanas.

Sua carreira científica, ainda não suficientemente conhecida, esteve ameaçada pela falta de oportunidade comum ao contexto de formação do país mesmo em uma área de colonização europeia.

Neste texto trataremos de apresentar a trajetória de Egon Schaden vista desde Santa Catarina<sup>3</sup>, no sentido de contribuir para o conhecimento da sua origem e assim ajudar a esclarecer a natureza do seu perfil como pessoa e como antropólogo. Nas páginas que seguem, apresentaremos o contexto da colonização alemã em São Bonifácio, sua terra natal, a formação e o perfil da sua família, buscando esclarecer as possíveis

influências sofridas por Egon Schaden de sua avó paterna e de seu pai, ambos chegados ao Brasil na condição de imigrantes. A trajetória do seu pai, Francisco Schaden, pode ajudar a compreender, inclusive, as escolhas temáticas feitas por Egon no decorrer de sua carreira. Na sequência, mostraremos a condição rural onde nasceu e cresceu, o destino que essa condição lhe havia desenhado e como um evento imprevisível – o inusitado mandato de Adolfo Konder como governador – acabou por alterar o curso natural das coisas, proporcionando ao jovem Egon Schaden, que se encontrava há três anos fora da escola, uma oportunidade já não mais esperada. Este fato chama a atenção para a força da imigração alemã em Santa Catarina. A trajetória acadêmica de Egon no ensino secundário ajuda a entender também o papel de uma grande escola catarinense na reprodução dos grupos de poder no estado. No momento marcado pelo centenário de nascimento de Egon Schaden, esses eventos todos são férteis fontes de reflexão.

### **São Bonifácio, uma colônia alemã**

A terra natal de Egon Schaden, hoje município de São Bonifácio, está localizada nas encostas da Serra Geral, distante 80 quilômetros de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Trata-se de um município de pequeno porte, tendo o censo do IBGE de 2010 registrado a presença de 3.008 habitantes<sup>4</sup>. O acesso a São Bonifácio se dá pela rodovia BR-282, que parte de Florianópolis em direção ao sul e logo sobe a encosta da Serra Geral. No município de Águas Mornas, o acesso segue pela Rodovia SC-435, que teve a pavimentação asfáltica concluída em maio de 2004. O nome do município foi inspirado no santo padroeiro da Westfália, região alemã de origem da maioria dos primeiros imigrantes.

A origem do município de São Bonifácio está ligada à criação da Colônia Teresópolis, unificada com a Colônia Santa Isabel em dezembro de 1865. Partindo da ocupação inicial do Rio Cubatão, os imigrantes instalados na Colônia Teresópolis continuaram subindo as encostas e ocuparam a região do Rio Capivari e seus afluentes, alcançando o então São Bonifácio do Capivari o privilégio de Distrito de Paz em 1918. O distrito desmembra-se de Palhoça e alcança a condição de município em 23 de agosto de 1962<sup>5</sup>.

As colônias mencionadas ocuparam terras de difícil acesso, habitadas originalmente por grupos indígenas nômades, onde foram assentados imigrantes católicos e luteranos provenientes, em sua maioria, da região da Renânia e Westfália, na Alemanha, além de imigrantes de diferentes regiões alemãs que já se encontravam estabelecidos em outras partes do Brasil – como nas fazendas de café em São Paulo.

A imigração alemã que dá origem a São Bonifácio insere-se no contexto das grandes migrações europeias, que tiveram início no século XIX, entre o fim das Guerras Napoleônicas e o início da Primeira Guerra Mundial, e que pode também ser caracterizado como o período que vai de 1815 a 1914. Das cerca de 60 milhões de pessoas que deixaram a Europa nesse período, algo em torno de 5 milhões eram alemães, dirigindo-se, a maioria, para os Estados Unidos da América, e o restante para outros países como Canadá, Austrália, Argentina e Brasil. Dos imigrantes recebidos pelo Brasil no período de 1819 a 1947, 235.846 foram registrados, ao entrarem no país, como alemães (Jochem, 2002: 19)<sup>6</sup>.

Além das Guerras Napoleônicas, outra causa subjacente ao quadro de migrações mencionadas é a Revolução Industrial na Europa. Quando a Revolução Industrial chega à Alemanha e os teares mecânicos substituem os trabalhadores, exacerba a situação de miséria que já assolava camponeses e trabalhadores urbanos. Conforme resgate de Jochem

(2002), enquanto a terra escasseava nas propriedades rurais em virtude das sucessivas partilhas por herança a cada geração, o processo de industrialização não conseguia incorporar o excesso de mão de obra, deixando a classe trabalhadora sem perspectivas de ocupação ou ascensão profissional. Nessa circunstância, a emigração de trabalhadores, tanto rurais quanto urbanos, integrava uma estratégia de Estado no sentido de reduzir toda sorte de pressão interna.

No tocante ao Brasil, na condição de país receptor das gentes emigradas, o processo também integrava uma estratégia de Estado. A colonização, do ponto de vista de Seyferth (1999), tinha o propósito de instalar no país agricultores brancos, livres e provenientes da Europa, tratando, assim, de povoar áreas ainda não ocupadas pela grande propriedade, tudo isso sob estrito controle do Estado. Essa ocupação, no entanto, em muitos casos se deu em terras previamente ocupadas por grupos indígenas, os quais passavam a ser combatidos por milícias especiais como forma de garantir a instalação e a segurança dos colonos.

O propósito dessa forma de colonização baseada no regime de pequenas propriedades e trabalho livre, entende Jochem (2002), visava, da parte do Estado, profundas mudanças sociais em curto e longo prazos, buscando compor uma classe média rural formada pelos imigrantes europeus e seus descendentes. Os alemães, no contexto da época, eram considerados hábeis agricultores, o que os credenciava para o propósito em vista que era o de povoar vazios demográficos, constituindo pequenas propriedades rurais.

Em Santa Catarina, os imigrantes alemães chegaram a partir de 1829, indo instalar-se inicialmente em São Pedro de Alcântara, na Grande Florianópolis, e, posteriormente, em outras regiões, como o Vale do Itajaí. Como desdobramento da Colônia de Teresópolis, implantada na Região da Grande Florianópolis em 3 de junho de 1860, surgiram os municípios de Águas Mornas e São Bonifácio. A primeira escola da co-

munidade de São Bonifácio do Capivari foi fundada em 1895, ainda na condição de escola particular ou, melhor, mantida com recursos provenientes das próprias famílias. A escola se tornou pública em 1918, ocasião em que Francisco Schaden tornou-se seu primeiro professor.

### **A chegada dos Schaden ao Brasil**

Francisco Serafim Guilherme Schaden nasceu em Leipzig, Alemanha, em 19 de fevereiro de 1891. Contam seus descendentes que ele teve outros cinco irmãos, todos mortos em função de uma doença estranha que fez a mãe, Mathilde Verhey Schaden, desejar abandonar o país. A pequena família, composta por Franz Schaden, Mathilde e o filho Francisco, chega de navio ao Rio de Janeiro em 1910. Franz Schaden decidiu lá mesmo que não ficaria no país, regressando de imediato à Alemanha e perdendo definitivamente o contato com a família no Brasil. Dele restaram apenas algumas fotografias para atestar a veracidade de sua existência.

Francisco Schaden e sua mãe instalam-se, inicialmente, na comunidade de Leopoldina, em Minas Gerais, de onde decidiram seguir para Anitápolis e, logo depois, para Löffelscheidt (hoje município de Águas Mornas), ambas comunidades em Santa Catarina, onde chegaram em 1912.

Mathilde Verhey Schaden, segundo comprova um cartão de visitas mantido nos arquivos da família, era enfermeira formada na Alemanha. Na localidade de Löffelscheidt, logo assume as funções atinentes à sua formação. Numa circunstância marcada por inúmeras carências, a presença de uma profissional dedicada à saúde é digna de destaque. Ela é lembrada por muitas pessoas como excelente e dedicada parteira, função que exerceu até sua morte.



Foto 1: Francisco Schaden com o pai Franz e a mãe Mathilde Verhey ainda na Westfália (Arquivo do Museu Francisco Schaden em São Bonifácio)

Francisco Schaden, que chegou da Alemanha com formação escolar própria da sua idade<sup>7</sup>, é logo convidado para assumir o cargo de professor na escola primária de Löffelscheidt. A partir desse contato inicial, Francisco estabelecerá uma profunda ligação com a comunidade, ligação esta que o levará, anos mais tarde, a escrever e publicar uma breve história da formação do lugar (Schaden, 1940). Nesta publicação, ele esclarece que os habitantes de Löffelscheidt eram, em sua maioria, originários da região da Renânia e constituíam-se em um povo muito extrovertido e alegre, bem diferentes dos imigrantes originários da Westfália, que ocuparam o Alto Capivari e formaram a comunidade de São Bonifácio, que eram muito sérios e carrancudos, embora os dois grupos fossem “muito eficientes”.

Em Löffelscheidt, Francisco conhece a jovem Catharina Roth, descendente de uma geração anterior de imigrantes da Renânia, com quem se casa antes de aceitar o convite para subir a serra com outros pioneiros e fundar a comunidade de São Bonifácio.

### **As ocupações de Francisco**

Para entender a trajetória de Egon, é preciso antes compreender a trajetória de Francisco, seu pai, a partir da qual é possível perceber importantes relações causais.

Tendo se estabelecido em São Bonifácio, Francisco Schaden assumiu a responsabilidade de professor da única escola do lugar, na época ainda mantida com recursos das famílias locais. Sua vida profissional como professor, que iniciou em Löffelscheidt, em 1912, estendeu-se até 1938, quando foi aposentado compulsoriamente, segundo Jochem (1992)<sup>8</sup>, e passou a se dedicar com empenho a diferentes atividades científicas.



Foto 2: Francisco Schaden e Catharina Roth Schaden  
(Arquivo do Museu Francisco Schaden)

Paralelamente à sua atividade como professor na escola de São Bonifácio, Francisco Schaden atuou como organizador comunitário e ativista pela emancipação política de sua comunidade. Defendeu a criação do Distrito de São Bonifácio e foi seu primeiro intendente distrital. Defendeu, também, a criação do cartório local e foi seu primeiro escrivão. Sua qualificação escolar diferenciada e a limitação, nesse sentido, da maior parte dos seus conterrâneos, fez com que exercesse os novos cargos criados. Atuou no movimento pela construção da estrada de rodagem que ligava São Bonifácio a Florianópolis. Foi botânico autodidata. Estudava as plantas com o propósito de ensinar sobre elas, mas também com o objetivo prático de produzir remédios naturais com os quais atendia seus conterrâneos. Organizou uma coleção de objetos que mos-



tra a cultura material dos indígenas da região, em sua época ainda não completamente extintos. Voluntariamente, organizou curso noturno de alfabetização de adultos décadas antes de essa atividade se tornar uma preocupação do poder público.

O aprendizado de línguas foi outra preocupação constante na vida do pioneiro Francisco Schaden. Além do português e do alemão (idiomas pátrios), possuía bons conhecimentos de francês e latim, e havia estudado as línguas internacionais esperanto, ido e volopük. Seu interesse pelo esperanto é confirmado por Pauli (2002), ao fazer um apanhado da história dessa língua em Santa Catarina para o Congresso Universal do Esperanto (Fortaleza, 2002), quando registra como documento mais antigo sobre o tema no estado um trabalho inédito de Francisco Schaden<sup>9</sup>. São notórios, ainda, seus conhecimentos de línguas indígenas, os quais o levaram a escrever uma gramática e um dicionário tupi, um dicionário xoklêng e a ter documentado a língua kaingang.

Os manuscritos deixados por Francisco Schaden, guardados atualmente no museu que leva seu nome, dão conta de que dominou perfeitamente a língua portuguesa a despeito de ter chegado no Brasil já adulto e com formação escolar concluída na Alemanha.

Francisco Schaden deixou uma produção bibliográfica considerável, ainda que não se possa estabelecer uma unidade de gênero entre os diversos materiais disponíveis. Iniciou a publicação de textos em jornais antes mesmo da Primeira Guerra Mundial. Sua estreia provavelmente teria ocorrido no jornal curitibano *Der Kompass*, atividade que continuou no jornal *Die Rundschau*, de Brusque, e na *Revista Pindorama* – da qual foi coeditor –, fundada em São Paulo por Egon Schaden com o propósito de partilhar temas brasileiros com leitores alemães. O primeiro número da *Revista Pindorama* foi lançado em 1937, o que mostra que a colaboração científica entre pai e filho começou cedo.

Após sua aposentadoria, dedica-se mais fortemente à produção escrita, registrando colaborações com o jornal *O Estado de São Paulo*, com as revistas *Sociologia*, *Boletim Bibliográfico* e a *Revista do Arquivo Municipal*, todos de São Paulo, além da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina* e da *Atualidade*, ambas de Florianópolis, e outros jornais também de Florianópolis. Parte dessa produção vai compor uma coletânea organizada e editada por Egon Schaden (1963).

Merecem destaque, como trabalhos científicos, dois artigos de sua autoria sobre a questão indígena, publicados na *Revista de Antropologia* (Schaden, 1953 e 1958), na época dirigida por Egon Schaden. Santos (2006: 25) qualifica tais artigos como “exemplos marcantes” de resultados da pesquisa antropológica em Santa Catarina. O artigo de 1958 foi reeditado em coletânea organizada por Egon Schaden (1972), que teve uma segunda edição em 1977. Na mesma linha, apareceu o trabalho apresentado ao *IX Congresso Brasileiro de Geografia*, publicado como separata dos anais do evento (Schaden, 1940), abordando a história de São Bonifácio e outros relatos pitorescos. Francisco Schaden iria ainda colaborar com a coleta de dados etnográficos para obra de Emílio Willems (Willems, 1980)<sup>10</sup>, a qual retrata o processo de integração dos imigrantes alemães no Brasil a partir da teoria da aculturação.

Embora fosse basicamente um agricultor que também exercia atividades letradas, Francisco construiu em torno de si um ambiente intelectual que influenciou profundamente seu filho mais velho.

Este perfil de Francisco Schaden, profundamente marcado pelo autodidatismo, parece ser decisivo na formação intelectual precoce de Egon e também na criação de uma atitude de resistência frente às adversidades colocadas em seu caminho.

## A família de Egon

Francisco Schaden e Catharina Roth Schaden tiveram onze filhos: Egon Francisco Willibald; Godwin Francisco Twisko; Eleonora Catharina Maria; Elmar Francisco José; Mathilda Catharina Maria; Thecla Catharina Olindina; Inocência Catharina Maria; Francisco Vicente Ingo; Balduino Francisco José; Siegfried Francisco Wunibaldo e Luzia Catharina Adelina<sup>11</sup>.

O filho mais velho do casal, Egon Schaden, nasceu em 4 de julho de 1913. Do pai, recebeu inúmeras influências, as quais foram definitivas para orientar toda a sua trajetória futura, especialmente a sua opção pela



Foto 3: Egon Schaden, na frente, ao centro, na escola primária  
(Arquivo da família Schaden, São Bonifácio)

temática indígena, como afirma em carta datada de 15 de outubro de 1970 transcrita no livro tomo da Igreja Matriz de São Bonifácio.

Na escola pública local, onde Francisco lecionava desde sua instalação, Egon cursa os quatro anos do ensino primário e mais um ano conhecido como complementar. O complementar era, na verdade, uma forma de reforçar a formação escolar dos alunos, que, via de regra, encerravam ali sua carreira acadêmica.

Além da influência recebida do pai na condição de professor, Egon foi influenciado pela relação de Francisco com a questão indígena. Por essa época, ainda perambulavam pela região bandos de índios Xoklêng com os quais Francisco interagiu em diferentes circunstâncias. Dessa interação ficou uma coleção de diferentes artefatos coletados por Francisco, que hoje integram o Museu de São Bonifácio. Conta-se que Francisco, em uma determinada ocasião, foi chamado para interferir em um episódio envolvendo atrito entre um grupo de indígenas e homens brancos, onde se acreditava que os indígenas necessitavam de ajuda. Como era de seu costume, Francisco dirigiu-se ao local do atrito levando Egon em sua companhia. Lá chegando, não encontraram os homens brancos, mas apenas os indígenas – todos mortos e com as orelhas decepadas. Esta prática está amplamente registrada na literatura e caracterizava a maneira empregada pelos bugreiros para documentar a morte de indígenas como condição para receberem o pagamento relacionado ao serviço encomendado por grupos de interesse.

Este relato nos foi apresentado por um informante que não era testemunha ocular dos fatos, tendo tomado conhecimento através de narrativas posteriores. Corroborar, no entanto, a narrativa o texto em que Santos (2003) refere-se à atividade dos bugreiros na região. Segundo este autor, o mais famoso de todos os bugreiros foi Martinho Marcelino de Jesus, conhecido como Martinho Bugreiro. Nascido em Bom Retiro (SC) em 1869, Martinho Bugreiro atuou na região do entorno de São Bonifácio,



Foto 4: Egon Schaden ao lado da mãe em reunião da Sociedade de Esperanto, em 1919 (Arquivo do Museu Francisco Schaden)

a serviço do agrimensor Carlos Miguel Koerich, no período de 1923 a 1928. Este registro torna plausível tanto o massacre de índios Xoklég desgarrados nas proximidades de São Bonifácio nessa época quanto a presença de Egon Schaden no local do massacre acompanhando o pai.

Outra influência de Francisco registrada sobre a formação intelectual de Egon está relacionada com a Sociedade de Esperanto. Conforme já registrado, Francisco foi um dos pioneiros no estudo dessa língua em Santa Catarina e o próprio Egon, já na sua vida acadêmica em São Paulo, publicará um artigo a respeito. Em um registro fotográfico da Sociedade de Esperanto, não fica claro se de São Bonifácio ou de abrangência mais ampla, Egon aparece solene ao lado da mãe, partilhando o registro também com o pai e outros adultos integrantes da sociedade. Egon é a única criança presente na foto e tinha 7 anos de idade na ocasião.

## Fora da escola

O *curriculum vitae* de Egon Schaden, organizado por ele próprio em 1973, traz uma lacuna a princípio difícil de ser compreendida. Ele registra que realizou os cursos primário e complementar na escola pública de sua localidade natal nos anos de 1920 a 1924. Em seguida, registra que cursou o secundário no Ginásio Catarinense, em Florianópolis, nos anos de 1928 a 1932.

Os anos de 1925 a 1927 estão, portanto, sem nenhum registro de atividade acadêmica. A família, aparentemente, já havia se acostumado à ideia de que as possibilidades de frequentar a escola, para alguém nascido em São Bonifácio, terminavam com o curso complementar. A escola mais próxima, para continuar os estudos, localizava-se em Florianópolis, a 80 quilômetros de distância ou três a quatro dias de viagem. Isso, no entanto, não seria nenhum obstáculo para o intrépido Egon.

O verdadeiro obstáculo, intransponível na época, é que o Ginásio Catarinense, dirigido pelos padres jesuítas, era uma instituição de ensino privada inacessível para os padrões de renda de uma família de agricultores – ainda que contassem providencialmente com um salário de professor de primário.

### **Adolfo Konder, um evento**

Conta-se, em São Bonifácio, uma lenda, uma espécie de mito de origem do Dr. Egon Schaden. O enredo pode ser longo ou breve, contado com ufanismo ou alguma pitada de ressentimento. Das narrativas pode-se depreender, no entanto, mais ou menos o que segue.

Corria o ano de 1927 (o terceiro ano consecutivo em que Egon não frequentava a escola). Viviam, ele e a família, essa situação como fato consumado, dividindo o tempo entre as atividades intelectuais capitaneadas pelo pai e as lidas na agricultura, que, de fato, garantiam o sustento do grupo. Em um dia chuvoso naquela região isolada e montanhosa, a pequena localidade, na época ainda distrito de Palhoça, recebeu a visita do Dr. Adolfo Konder, governador do estado de Santa Catarina. Adolfo Konder buscou abrigo e pouso na residência da maior autoridade local, o professor Francisco Schaden, que também era intendente distrital. Na propriedade dos Schaden, enquanto o governador se acomoda junto ao fogão a lenha da pequena cozinha, Francisco pede ao filho mais velho que recomponha os sapatos do ilustre visitante. Os sapatos estavam enlameados, pois o governador havia percorrido a longa e sinuosa estrada de acesso à localidade montado em um cavalo. Enquanto recebe a hospitalidade do dono da casa, Adolfo Konder estabelece comunicação com o garoto que limpa os sapatos, e logo se encanta com a sua facilidade de comunicação e maturidade intelectual.



Ao arguir o dono da casa sobre a escolaridade do garoto, o governador fica desolado ao inteirar-se da situação educacional do menino Egon e logo lhe promete uma bolsa de estudos. Os informantes, em São Bonifácio, apresentam dúvidas acerca dos pormenores desse fato. Alguns chegam a propor a hipótese de que o governador financiou a bolsa com recursos próprios, mas o fato é que a abordagem do problema, por parte de Adolfo Konder, era bem mais complexa.



Foto 5: Residência da família de Francisco Schaden visitada por Adolfo Konder em 1927 (Pedro Martins, 2011)



## Os motivos de Adolfo Konder

Adolfo Konder nasceu em Itajaí, distante cem quilômetros ao norte de Florianópolis, em 16 de fevereiro de 1884. Era filho de Marcus Konder, imigrante alemão nascido em Trier – lugar de onde também vieram alguns dos colonos de São Bonifácio. Depois de formar-se em Direito, em São Paulo, Adolfo Konder participou ativamente da vida política nacional e estadual. Foi governador de Santa Catarina de 1926 a 1930, embora nessa época esse cargo ainda tivesse o nome de presidente. Em 1929, empreendeu uma viagem através do estado de Santa Catarina, partindo de Florianópolis, no litoral, e atingindo o extremo oeste, na fronteira com a Argentina. Essa viagem, empreendida no período de 24 de abril a 16 de maio de 1929, ficou conhecida como a Bandeira Konder. Pela primeira vez, desde que a fronteira do estado havia sido fixada nos limites da Argentina, em 1850, um governador visitava a região (D’Eça, 1992).

Na sua mensagem de início de legislatura, em 11 de agosto de 1929, Adolfo Konder dedica dez páginas a relatar a situação da educação no estado no período anterior. Ao registrar informações relativas à “bandeira”, manifesta consternação com o estado da educação pública na fronteira com a Argentina (D’Eça, 1992: 72). Entendia ele que a ausência da escola matava o talento e a própria cidadania. O governador entendia que a escola estava intrinsecamente ligada ao processo de formação da cidadania. Sem a presença e a força do Estado, a educação e, conseqüentemente, a cidadania não poderiam prosperar. Quase como um ato simbólico, fundou, na ocasião, uma escola na localidade de Dionísio Cerqueira e nomeou para ela um professor. Em um tópico específico da mensagem referente ao Gimnasio Catharinense, de Florianópolis, explicava ele que dos 302 alunos matriculados, 25 recebiam educação gratuita no estabelecimento, sendo indicados pelo Go-

verno do Estado<sup>12</sup>. O colégio, para abrigar esses bolsistas, recebeu do Governo do Estado uma subvenção de 30:000\$000 (trinta contos de réis). Dos 25 bolsistas, cinco eram alunos internos – um dos quais, depreende-se, era Egon Schaden.

### Egon e o Gymnasio Catharinense

Após a visita de Adolfo Konder a São Bonifácio, em 1927, a vida de Egon Schaden tomaria definitivamente outro rumo. O menino, acostumado às lidas da roça, enfrentaria o desafio de cursar uma escola voltada para a reprodução dos altos conhecimentos acumulados pela civilização.



Foto 6: Vista do prédio principal do Ginásio Catarinense em 1927 (Arquivo do Colégio Catarinense)

Na já citada mensagem de Adolfo Konder à Assembleia Legislativa, em 1929, o governador esclarece que o Ginásio Catarinense possuía um corpo docente de primeira ordem, composto por quinze sacerdotes jesuítas e seis professores leigos. Além disso, o colégio possuía, segundo a mensagem, as mais adequadas instalações para o ensino de todas as especialidades, instalações portadoras de qualidades capazes de honrar as mais altas exigências do estado e do país.

Nessa instituição, Egon Schaden passaria cinco anos da sua vida em regime de internato e de lá sairia preparado para integrar a elite intelectual do país.

O Ginásio Catarinense foi o principal instrumento de reprodução intelectual da elite de Santa Catarina na Primeira República e isso não aconteceu por acaso. Segundo relata Dallabrida (2001: 40), essa condição foi alcançada a partir do momento em que o colégio foi colocado sob a tutela da ordem religiosa dos jesuítas. O Ginásio Catarinense havia sido criado em 1892 pela primeira reforma educacional republicana, com o objetivo de dotar a capital do estado de ensino secundário permanente – uma vez que as iniciativas anteriores, inclusive as da Companhia de Jesus, tiveram vida efêmera. A sua existência como escola pública, no entanto, foi também efêmera, pois acordos realizados entre o governo estadual e a Companhia de Jesus o transformaram em escola privada a partir de 1905. Funcionando na condição de internato e externato, o colégio possibilitava a permanência de estudantes de diferentes partes do estado bem como de outros estados, atraindo pela qualidade da educação os rebentos das mais importantes famílias catarinenses.

Em 3 de março de 1928, Egon Schaden, então com 14 anos, requer a sua matrícula no primeiro ano do ensino secundário, beneficiado que era pela bolsa a ele atribuída por Adolfo Konder. Logo nesse seu primeiro ano no Ginásio Catarinense, Egon é distinguido com o segundo lugar no prêmio de excelência. Alcança 392 pontos de um total de 440

possíveis. O primeiro colocado, Moacyr Gaya, alcançou 395. Moacyr Gaya, no entanto, passaria o resto do tempo do colégio sem lograr outro prêmio de excelência, embora continuasse, via de regra, entre os primeiros da turma (menção honrosa). Nesse ano, nas matérias individuais, Egon tirou o primeiro lugar em religião, francês e inglês. Nas demais disciplinas, ficou entre os primeiros, exceto em desenho.

No segundo ano, em 1929, ganhou o primeiro prêmio de excelência, conquistando 387 dos 440 pontos. Nas disciplinas individuais, foi o primeiro colocado em religião e alemão, ficando entre os primeiros nas demais disciplinas, exceto em desenho.

Em 1930, ele cursou o terceiro ano com aproveitamento de 436 pontos em 480. Ganhou novamente o primeiro lugar geral e obteve o primeiro nas disciplinas de religião, português, francês, latim, alemão e inglês, ficando entre os primeiros nas demais disciplinas, ou seja, em álgebra, história universal e, inclusive, desenho. Destaca-se, nesse ano, o pendor para línguas. Além destas mencionadas, Egon falará fluentemente o guarani e o espanhol.

O quarto ano transcorreu aparentemente da mesma maneira. Egon recebeu o prêmio de excelência como o primeiro da turma, conquistando 1.175 de 1.340 pontos. Foi o primeiro colocado da turma em português, inglês, alemão, física, química, história natural e religião, além de ficar entre os primeiros em todas as demais disciplinas. Nesse ano de 1931, Egon dividia a turma com Rubens de Arruda Ramos, entre muitos outros colegas de famílias ilustres e poderosas. Rubens de Arruda Ramos, hoje nome da mais importante avenida de Florianópolis, era um jovem rebento de uma das famílias mais influentes de Santa Catarina, de onde emergiram diversas lideranças políticas de destaque, inclusive governadores. O bem-nascido rapaz, no entanto, alcançou 674 pontos de aproveitamento, o que não o impediu, naturalmente, de tornar-se jornalista logo depois do secundário e graduar-se em Direito anos

mais tarde, em uma faculdade de Florianópolis. Um detalhe curioso é que Rubens de Arruda Ramos nasceu no mesmo ano que Egon, só que em janeiro. Era, portanto, mais velho. O dado se torna interessante quando se considera o fato de Egon ter ficado três anos fora da escola. O Colégio Catarinense guarda em seus arquivos a foto de turma produzida naquele final de 1931. Egon aparece sentado à esquerda do padre Godofredo Schrader e é o único aluno da turma vestindo o uniforme do colégio, enquanto os demais vestem ternos.

Chega ao final 1932, o ano em que Egon Schaden conclui sua passagem pelo Ginásio Catarinense. Como de costume, é o melhor aluno da turma, recebendo também o prêmio de excelência acadêmica. Alcança



Foto 7: Egon Schaden, à esquerda do Padre Godofredo Schrader, com a turma do quarto ano do Secundário em 1931 (Arquivo do Colégio Catarinense)

1.049 dos 1.120 pontos possíveis, ao tempo em que seu colega de turma, Rubens de Arruda Ramos, alcança 659.

Na passagem do centenário de fundação do colégio, a administração do Colégio Catarinense confeccionou uma série de painéis que lembram a sua história e nos quais homenageia alguns de seus ex-alunos. Como consequência de seu desempenho escolar, Egon é homenageado em um dos painéis, instalado no pátio em frente à biblioteca, por ter sido con-



Foto 8: Egon Schaden bacharel, dezembro de 1932  
(Arquivo do Colégio Catarinense)

templado com o prêmio de excelência nos cinco anos consecutivos em que frequentou o colégio. Na entrada do colégio, há outro painel onde são lembradas uma dezena de governadores de Santa Catarina que também por lá passaram, o que dá razão a Dallabrida (2001) quando afirma ter sido esse colégio uma verdadeira fábrica escolar de produção da elite do estado – especialmente durante a Primeira República.

### **Relações familiares**

Em carta datada de 31 de março de 1933, faltando ainda mais de três meses para completar 20 anos de idade, Egon informa à avó paterna, Mathilde Verhey Schaden, que se encontrava lecionando em uma escola primária de São Paulo, onde era responsável por duas turmas com cerca de sessenta crianças cada, e que frequentava a Faculdade Paulista de Letras e Filosofia.

O conteúdo da carta, escrita em alemão, dá testemunho da forte relação que mantinha com a avó, da mesma forma que a relação que mantinha com o pai<sup>13</sup>.

A partir desse ponto, seu contato pessoal com a terra natal vai tornar-se sempre mais escasso, em virtude da distância, mas sua presença junto à família jamais vai ser interrompida.

Seu contato com Francisco Schaden vai tornar-se cada vez mais forte, uma vez que a formação científica de Egon possibilitará uma parceria que se estenderia por muito tempo, sendo esta a responsável por parte significativa da divulgação científica da obra de Francisco Schaden.

Mesmo de longe, Egon continuou preocupado com o futuro dos irmãos mais novos e do resto da família, como bem demonstra a farta correspondência trocada com a avó e o pai, mas seu afastamento da terra natal nem sempre foi adequadamente compreendido.





Foto 9: Egon Schaden, atrás, ao centro, em visita à família, com os pais e todos os irmãos (Arquivo da família Schaden, São Bonifácio)

## Considerações finais

Do ponto de vista do grande público, o público naturalmente especializado que conhece Egon Schaden fora de sua cidade natal, Egon é mais um daqueles alemães com quem interagiu durante sua vida profissional na universidade, especialmente na Universidade de São Paulo: Herbert Baldus, Emílio Willems e Curt Nimuendajú, principalmente<sup>14</sup>.

Por esta razão, diferentes antropólogos em Santa Catarina têm tomado a iniciativa de resgatar o pertencimento de Egon Schaden ao estado, até agora sem muito sucesso. Seu centenário de nascimento é visto como uma nova oportunidade de socializar e divulgar sua produção



científica e levar seus feitos ao conhecimento do povo catarinense. Um exemplo de iniciativa neste sentido é a realização do *Seminário Cem Anos de Egon Schaden*, que terá lugar no mês de setembro de 2013, na cidade de São Bonifácio.

Às vésperas do seu centenário de nascimento, o poder público de São Bonifácio mobiliza-se no sentido de repatriar sua biblioteca pessoal e, com ela, possivelmente, um rico acervo de material de pesquisa como sua correspondência e materiais diversos. A prefeitura luta para dotar a biblioteca de instalações adequadas bem como reativar e dinamizar o Museu Francisco Schaden – onde já se encontra guardado o acervo deixado pelo pioneiro autodidata, pai de Egon. Com a biblioteca e o museu instalados e disponíveis ao público, pai e filho estarão finalmente reunidos, iluminando o olhar das futuras gerações de descendentes de alemães na acolhedora cidade de São Bonifácio.

## Notas

- <sup>1</sup> Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e professor da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).
- <sup>2</sup> Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professora da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).
- <sup>3</sup> Durante a pesquisa documental para a elaboração deste texto, recebemos inestimáveis contribuições de Rosane Schaden Preuss, no município de São Bonifácio, e da direção do Colégio Catarinense, especialmente de Hivellyse Rodrigues Quint e Bruna Rosa Leal, a quem somos imensamente gratos.
- <sup>4</sup> Dado disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 22 maio 2011. Na verdade, o município vem perdendo população desde a década de 1970. No censo de 1980, São Bonifácio contava com uma população de 3.530, caindo para 3.373 em 1990, e 3.218 em 2000. A emigração para estudar – quase sempre sem retorno – é apenas uma das causas da depopulação. Talvez o fenômeno mais

- importante nesse sentido tenha sido a *Revolução Verde* (cf. Martini; Garcia, 1987), cujas consequências ainda se fazem sentir.
- <sup>5</sup> A condição de Distrito de Paz é dada pela Lei Municipal de Palhoça n. 271, de 23 de setembro de 1918, enquanto a condição de município é dada pela Lei Estadual n. 840, de 23 de agosto de 1962.
  - <sup>6</sup> Deve-se atentar para a imprecisão desses números, uma vez que as condições de identificação eram muito precárias. Por outro lado, a identificação dos imigrantes, como alemães, refere-se à cultura e não ao Estado Nacional.
  - <sup>7</sup> Podemos supor que, aos 19 anos, Francisco Schaden teria recebido formação equivalente ao ensino secundário, caso lhe tenha sido propiciado estudar até esse nível.
  - <sup>8</sup> Na condição de alemão, informa este autor, Francisco Schaden teria sido vítima de atos discricionários por parte do Estado brasileiro, impetrados contra alemães no Brasil desde o início da Segunda Guerra Mundial.
  - <sup>9</sup> “Apontamentos para a história do Esperanto em Santa Catarina”. O manuscrito deste texto compõe o acervo do Museu Francisco Schaden, em São Bonifácio.
  - <sup>10</sup> Trata-se, neste caso, da segunda edição da obra. A primeira edição é datada de 1946. Em outro trabalho (Martins; Welter, 2012), buscamos demonstrar a formação de uma rede de colaboração envolvendo Egon, Francisco e Willems.
  - <sup>11</sup> Em novembro de 2012, Thecla, Siegfried e Luzia são os únicos vivos.
  - <sup>12</sup> Essa postura do governo está em acordo com a interpretação de Anísio Teixeira acerca da estrutura da educação no Brasil nas décadas de 1920 e 1930. Na opinião de Teixeira (1976), o sistema escolar da época tratava de garantir a demanda da sociedade por educação sem, no entanto, alterar a estrutura social.
  - <sup>13</sup> Agradecemos a valiosa contribuição de Mareli Eliana Graupe na providencial tradução da referida carta para o idioma português.
  - <sup>14</sup> Nesse sentido, vale a pena conferir o trabalho de Passador (2002), em que resgata o universo compartilhado por esse quarteto “alemão”.

## Referências bibliográficas

- DALLABRIDA, Norberto  
2001 *A fabricação escolar das elites. O Ginásio Catariense na Primeira República.* Florianópolis, Cidade Futura.
- D'EÇA, Othon  
1992 *Aos espanhóis confinantes.* Florianópolis, EdUFSC.
- JOCHEM, Toni Vidal  
1992 "Professor Francisco Schaden". In *Revista Ágora*, Florianópolis, ano VII, n. 15, pp. 16-19.  
2002 *A formação da Colônia Teresópolis e a atuação da Igreja Católica (1860-1910).* Florianópolis, dissertação, PPGH/UFSC, 200 pp.
- KONDER, Adolfo  
1929 *Mensagem à Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina.* Florianópolis.
- MARTINI, George; GARCIA, Ronaldo (orgs.)  
1987 *Os impactos sociais da modernização agrícola.* São Paulo, Caetés.
- MARTINS, Pedro; WELTER, Tânia  
2012 "Antropologia e pioneirismo: Francisco e Egon Schaden no imaginário de São Bonifácio (SC)". In *Revista USP*, São Paulo, v. 92, pp. 201-209.
- PAULI, Evaldo  
2002 "Esperanto em Santa Catarina". In *Congresso Universal de Esperanto*, Fortaleza.
- PASSADOR, Luiz Henrique  
2002 *Herbert Baldus e a antropologia no Brasil.* Campinas, dissertação, UNICAMP. 200 pp.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos  
2003 "Encontros de estranhos além do 'mar oceano'". In *Etnográfica*, Lisboa, vol. VII (2), pp. 431-448.  
2006 "A antropologia em Santa Catarina". In *Memória da Antropologia no Sul do Brasil.* Florianópolis, EdUFSC/ABA, pp. 14-77.

SCHADEN, Egon (org.)

1972 *Homem, cultura e sociedade no Brasil*. Petrópolis, Vozes.

SCHADEN, Francisco

1940 “Notas sobre a localidade de São Bonifácio”. In *IX Congresso Brasileiro de Geografia*, Florianópolis.

1953 “A pacificação e a aculturação dos Xoklém”. In *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol. 1, n. 2, pp. 136-139.

1958 “Xoklém e Kaingáng”. In *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol. 6, n. 2, pp. 105-112.

1963 *Índios, caboclos e colonos*. São Paulo, FFLCH-USP.

SEYFERTH, Giralda

1999 “A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito”. In FAUSTO, B. (org.), *Fazer a América*. São Paulo, Edusp, pp. 273-313.

TEIXEIRA, Anísio

1976 *Educação no Brasil*. 2. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

WILLEMS, Emílio

1980 *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo, Edusp.